

Conjuntura Projeções para Selic, PIB e inflação em 2004 não foram alteradas após CMN

Crescimento maior fica para 2005

economia Brasil

Denise Neumann
De São Paulo

As decisões do Conselho Monetário Nacional (CMN) apenas abriram condições para um crescimento econômico mais dinâmico em 2004 se o Banco Central "usar" o espaço de 2,5 pontos percentuais de margem de tolerância na meta de inflação. Se a autoridade monetária continuar perseguindo o centro da meta — 5,5% — o crescimento esperado para o Produto Interno Bruto (PIB) do próximo ano continuará perto de 3,0%, percentual já incorporado a maior parte das previsões econômicas. A mudança de fato fica para 2005.

Ontem, um dia após a decisão do CMN, a maioria das consultorias e departamentos econômicos de bancos manteve as previsões para o futuro da taxa Selic e, consequentemente, para o crescimento da economia e da inflação em 2004. Instituições como MB Associados, Rosenberg & Associados e LCA Consultores mantiveram a projeção de uma Selic em 20% em dezembro e queda gradativa em 2004 até atingir um percentual próximo a 15% no fim de 2004.

Quem estava mais conservador, ficou um pouco mais otimista. O

Prós & contras

Indicadores econômicos apontam rumos divergentes

▲ Positivos

Inflação	IPCA-15 indicou alta de apenas 0,22% em junho
Contas públicas	superávit primário de 4,5% do PIB em abril (12 meses)
Balança comercial	superávit de US\$ 10 bilhões no primeiro semestre
Inadimplência	taxa líquida de 5,2% em São Paulo em maio (ante 7,0% e 7,2% em abril e março)
Microcrédito	BB e CEF anunciam medidas para ampliar crédito a custo baixo

▼ Negativos*

Desemprego	taxa de 12,4% em abril
Renda	queda de 7,7% em relação a abril/2002
Produção industrial	-4,2% em abril sobre abril de 2002
Varejo	-3,8% nas vendas do varejo em abril sobre abril/2002
PIB	-0,1% no primeiro trimestre sobre o 4º tri/2002
Contas públicas	queda real de 9,1% na arrecadação federal em maio sobre maio/2002

Fonte: Secex, Banco Central, IBGE, Receita Federal

Lloyds TSB projetava a Selic em 22% no fim deste ano e em 17,5% em dezembro de 2004. Estes percentuais estão sendo reduzidos em um ponto percentual, explica o economista-chefe da instituição, Odair Abate. Também para o PIB, ele agora estima que a taxa de 2004 pode ficar mais próxima a 3,5%. "A decisão do CMN abriu espaço para um pouco mais de crescimento se a banda de 2,5% for utilizada", avalia ele.

Abate diz que o BC não vai admitir oficialmente que deixará de perseguir o centro da meta. Mas ele crê que, na prática, a meta será

considerada cumprida se ficar dentro do limite superior — 8,0%.

José Augusto Savasini, sócio-diretor da Rosenberg, diz que para 2003 e 2004 "nada muda no cenário de crescimento". A folga, diz, pode vir em 2005. Savasini mostra que a taxa real de juros ainda ficará muito alta e é ela que impede a retomada. Nos 12 meses encerrados em abril, a taxa real de juros ficou em 3,9%. Para os 12 meses seguintes (maio de 2003 a abril de 2004), a taxa ficará em 14,7%, calcula. "É brutal, não há quem resista", avisa.

Essa brutal taxa real virá mesmo com uma trajetória expressiva de

queda dos juros. A projeção da Rosenberg considera uma redução mensal quase linear da taxa Selic em um ponto percentual, de tal modo que ela estará em 20% em dezembro de 2003 e 17% em abril de 2004. A inflação ao longo desse período também é mensalmente declinante e encerra em 10,5% na média deste ano e fica em 7,0% no ano que vem. Savasini espera um crescimento de no máximo 1,6% do PIB em 2003 e 2,5% em 2004. "E esse percentual é teto", avalia.

A economista Monica Baer, da MB Associados, talvez revise sua projeção para o PIB deste ano. Mas

se o fizer, vai ser para um número ainda inferior aos 1,6% atualmente esperados. "A economia está no fio da navalha, podendo escorregar para a recessão", avalia ela.

O BC, na sua avaliação, perseguirá o centro da meta — 5,5% em 2004. Essa já era a taxa para a qual a instituição estava olhando. "Se este é o contexto, você precisa trazer uma inflação de cerca de 11% — que a taxa deste ano — para a metade, os 5,5%. É muito apertado e é difícil fazer esse ajuste com crescimento", argumenta. Para 2004, a consultoria estima crescimento de 3,0% para o PIB, Selic em 15% (dezembro) e inflação de 7,0% pelo IPCA. "Por enquanto, nada muda nesta previsão", explica Monica.

O pacote de microcrédito anunciado ontem, avaliam os economistas, terá efeito muito pequeno. A retomada de fato virá com recuperação de emprego e renda, fundamental para dar consistência ao aumento da demanda interna. Em abril, a renda real foi 7,7% inferior a de abril do ano passado, segundo o IBGE. Há, também, um temor adicional: o setor externo. "Se o câmbio permanecer no nível atual, as exportações vão parar de crescer. Só os setores tradicionais continuarão exportando", diz Monica.